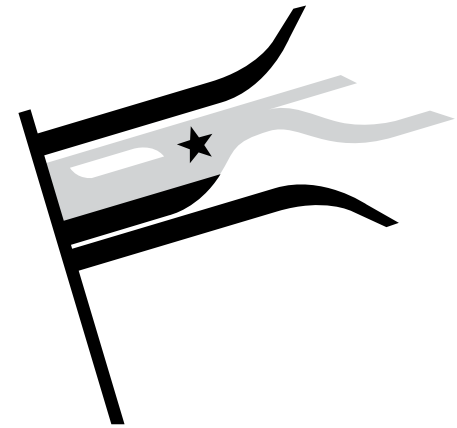




A SÍRIA EM PEDAÇOS

Bernardo Pires de Lima

A SÍRIA  
EM PEDAÇOS



Prefácio de Jorge Sampaio

L I S B O A  
T I N T A - D A - C H I N A  
M M X V

# Índice

## Prefácio

*por Jorge Sampaio*

11

## Glossário

23

## *Abertura*

### FOTOGRAMAS DE GUERRA

35

## I

### CIRCO DE FERAS

*Janeiro de 2011 — Maio de 2012*

|                                    |                               |
|------------------------------------|-------------------------------|
| Nós e os outros, 43                | Parabéns, Ahmet Davutoğlu, 54 |
| Para lá de Alexandria, 44          | De Tripoli a Teerão, 55       |
| A geração solitária do Magrebe, 45 | A Líbia em dois actos, 57     |
| Excitante Cairo, 46                | O cerco a Riade, 58           |
| O momento egípcio, 47              | Israel: o país singular, 58   |
| A vitória da Turquia, 49           | Mubarak, S.A., 60             |
| A segurança está no trigo, 50      | O beco de Damasco, 61         |
| O cerco em Argel, 51               | Hamas e Fatah, 62             |
| Ancara, Teerão, Washington, 52     | Primavera sem Bin Laden, 63   |
| Na tenda com Khadafi, 53           | Voltar ao Iraque, 64          |

© 2015, Bernardo Pires de Lima  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *A Síria em Pedacos*  
Autor: Bernardo Pires de Lima  
Prefácio: Jorge Sampaio  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Março de 2015  
ISBN 978-989-671-252-5  
Depósito Legal n.º 387854/15

Depois de Khadafi, 65  
 Verão árabe em chamas, 66  
 Duelo em Teerão, 67  
 Porque Tripoli não é Damasco, 68  
 Trezentos mil em Telavive, 69  
 Julgar Mubarak, 70  
 Dúvidas líbias, 72  
 Reconciliar a Líbia, 73  
 Médio Oriente em transição, 74  
 E no final ganha a Turquia, 75  
 Israel isolado?, 76  
 O excepcionalismo turco, 77  
 A futebolização do Médio Oriente, 78  
 Iémen? Não, obrigado, 80  
 Decapitar a Al-Qaeda, 80  
 Khadafi: pátria ou morte, 81  
 Eixo Ancara-Tunes, 83  
 Bashar «Saddam» Assad, 84  
 Fracassos com Teerão, 85  
 Atacar o Irão, 86  
 Para Teerão, via Pequim e Moscovo, 87

Unidos em Tahrir, 88  
 Outra vez a Turquia, 89  
 Ilusões 2.0, 90  
 Oito anos no Iraque, 91  
 Para lá de Assad, 93  
 Regresso ao caos, 94  
 A ilusão liberal no Egipto, 95  
 O Egipto num estádio, 96  
 Isolar, negociar, decidir, 97  
 O Irão no beco, 98  
 Dias contados para Assad, 99  
 Egipto: a revolução escondida, 101  
 A Síria no Conselho de Segurança, 102  
 A paz Irão-Iraque, 103  
 O que nos diz a Síria, 104  
 Rússia e China, 105  
 Desunião Árabe, 107  
 Obama e a ONU, 108  
 Intervalo mediático, 109  
 Depois de Bin Laden, 110  
 A negociação possível, 111

## II

### LINHAS VERMELHAS

*Junho de 2012 – Agosto de 2013*

Depois de Houla, 115  
 O fim de Tahrir, 116  
 A Europa para a Rússia, 117  
 Regresso às origens, 118  
 À espera do caos, 119  
 Vitória de Morsi ou dos militares?, 121  
 O aliado turco, 122

Annan, o altruísta, 123  
 A libertação de Damasco, 124  
 Israel e as olimpíadas, 125  
 «Liberais» na Líbia, 126  
 Problemas turcos, 128  
 Al-Qaeda na Síria, 129  
 A diplomacia falhou, 130

Morsi, presidente Morsi, 131  
 Alinhados, como sempre, 132  
 O código Morsi, 134  
 Regresso a casa, 135  
 Percepções euro-atlânticas, 136  
 A marcha dos desalinhados, 137  
 O palco da ONU, 139  
 Uma questão de tempo, 140  
 E agora, Obama?, 141  
 As sete vidas da Alemanha, 142  
 Doutrina Obama, 143  
 Mais diplomacia, menos declamação, 145  
 John Kerry, 146  
 Ano novo na Síria, 147  
 Para lá de Obama, 149  
 Kerry e Hagel, 150  
 A Primavera nunca existiu, 151  
 Uma agenda Obama, 152  
 Obama em Israel, 154  
 Ainda o Iraque, 155  
 À volta de Chipre, 156

E o Líbano aqui tão perto, 157  
 A nação dispensável?, 159  
 Guerras de proximidade, 160  
 Eixo Londres-Paris, 161  
 A visita de Erdoğan, 162  
 Cacofonia na Síria, 163  
 Em guerra, 165  
 Eixo pós-eleitoral, 166  
 Na ditadura do simbólico, 167  
 Luta no Cairo, 168  
 Europeus na *jihad*, 169  
 Um acordo improvável, 171  
 Chaga, 172  
 Al-Zarqawi vive, 173  
 O que fica do que resta, 174  
 Combinação explosiva, 176  
 Autopunição, 177  
 Razão e ambição, 178  
 A questão alemã, 179  
 Presidente em guerra, 180  
 Diplomacia acidentada, 182  
 Atrás de si, Sr. Putin, 183

## III

### O NOSSO AMIGO ASSAD

*Setembro de 2013 – Janeiro de 2015*

A guerra continua, 187  
 Boas intenções, 188  
 A China no Médio Oriente, 189  
 Um pivô no Levante, 190  
 Políticos em trânsito, 192  
 Um nobel não faz a paz, 193  
 E o Óscar vai para..., 194

O admirável mundo novo, 195  
 A troca, 196  
 Temos sempre Paris, 198  
 Matriosca síria, 199  
 De acordo em Genebra, 200  
 Crise e catástrofe, 201  
 Partidos de deus, 202

|                                  |  |
|----------------------------------|--|
| Circo de feras, 203              | As vítimas do Hamas, 233               |
| O problema Erdoğan, 205          | O erro de Israel, 235                  |
| O sequestro do Levante, 206      | A culpa, 236                           |
| Sinai(s), 207                    | Três D para Gaza, 237                  |
| Os amigos de Assad, 208          | E da Líbia, lembrem-se?, 238           |
| De Damasco à Vitória, 209        | As decisões de Obama, 239              |
| RIP Tahrir, 210                  | A metamorfose, 240                     |
| Montreux I ou Genebra II?, 212   | O preço da ingenuidade, 241            |
| Ilusão em Genebra, 213           | O problema de Obama, 242               |
| Ao lado de Genebra II, 214       | O nosso amigo Assad, 243               |
| Tirem Deus disto, 215            | O polvo, 244                           |
| A tese de Atta, 216              | Em defesa de Erdoğan, 246              |
| Magnetismo sírio, 218            | Dois inspirações, 247                  |
| Três anos depois, 219            | A preto e branco, 248                  |
| Os heterónimos da América, 220   | A revolução energética, 249            |
| Dez anos depois, 221             | O reconhecimento da                    |
| As directas de Erdoğan, 222      | Palestina, 250                         |
| Erdoğan soma e segue, 224        | Bombas-relógio, 251                    |
| Regresso ao passado, 225         | O estado do ISIS, 252                  |
| Primavera <i>jihadista</i> , 226 | Regime sob tortura, 253                |
| O fim deste Iraque, 227          | Na NATO, 255                           |
| «Siriaque», 228                  | O Adenauer da Tunísia, 256             |
| Jihad 3.0, 229                   | Somos todos <i>Charlie Hebdo</i> , 257 |
| Notícias do califado, 230        | Guerra pela patente, 258               |
| Talibanização do Médio           | Alerta vermelho, 259                   |
| Oriente, 231                     | Eixo Washington-Damasco, 260           |
| Soma zero, 232                   |  |

## Agradecimentos

263

## PREFÁCIO

por Jorge Sampaio

*A Síria em Pedacos* constitui uma recolha de artigos de opinião da autoria de Bernardo Pires de Lima, publicados entre Janeiro de 2011 e 2015 na sua coluna do *Diário de Notícias*. Não é difícil prever que muitos dos leitores potenciais desta recolha tenham sido visitantes assíduos destes mesmos textos ao longo dos últimos quatro anos. Mas, paradoxalmente, essa é uma razão suplementar para se precipitarem sobre esta compilação, que consegue ser muito mais do que uma simples colagem de recortes. Primeiro, porque oferece um relato continuado de reflexões que foram produzidas à boca dos acontecimentos e que, com o recuo que esta sua edição conjunta permite, ganham um novo significado, seja para decantar o incerto e contingente, despojando a narrativa das premissas e hipóteses que a própria realidade se encarregou entretanto de invalidar, seja para corroborar a bondade de uma ideia, perspectiva ou análise avançadas antecipadamente pelo autor e sufragadas depois pelo evoluir dos acontecimentos, no fundo ilustrando, em ambos os casos, o adágio que pretende que o que é nem sempre parece, e o que parece nem sempre é. Em segundo lugar, porque a leitura destes «fotogramas», como tão judiciosamente lhes chama Bernardo Pires de Lima, nos permite, através de uma linguagem clara e de uma análise tão rigorosa e perspicaz quão despretensiosa, apreender a dinâmica de guerra, complexa e extremamente emaranhada,

que está a despedaçar a Síria, como Estado e Nação, e cujos estilhaços atingem, porventura de forma irreversível, toda a região do Médio Oriente. Neste ponto, não podemos deixar de pensar em Carl von Clausewitz quando descrevia a guerra como um verdadeiro camaleão, que modifica a sua natureza e aparência em função das condições sociopolíticas variáveis em que se desenvolve.

Sublinhe-se ainda, a este respeito, a opção do autor em destacar a Guerra Síria da trama de fundo das revoltas árabes e das convulsões e/ou transformações que a elas se seguiram, fazendo deslocar o centro de gravidade das suas análises para este país, para a extrema brutalidade da guerra em curso, para a tragédia do povo sírio que, sectarizado *à outrance* pelas forças endógenas e exógenas do conflito, por certo jamais conseguirá voltar a unir-se como cidadãos de uma Nação única. Não sobram muitas dúvidas que ao rol das atrocidades que nos habituáramos a enumerar — Ruanda, Somália, Timor-Leste, Bósnia, Kosovo, Darfur, RD Congo — há agora que acrescentar a Síria, para além do Iraque, uma vez que, como diz o autor, a guerra na Líbia comparada com isto não passa de «uma nota de rodapé» (p. 125).

Daí que o leitor destes «fotogramas de guerra» possa ter, por vezes, uma impressão de *déjà-vu*, fruto da terrível e insidiosa «banalização do mal» com que nos acostumámos a coexistir, assistindo quase em directo e diariamente a carnificinas sem sentido, a barbaridades que pensávamos de séculos passados, bem como a uma gritante impotência da chamada «comunidade internacional».

Mas a tragédia síria esmaga a compreensão — como foi possível chegar a este ponto? Como é possível cruzar os braços e deixar que a situação se agrave de dia para dia, que a tragédia se alastre e contamine os países vizinhos como metástases num doente canceroso?

Bernardo Pires de Lima, o autor desta obra, dispensa apresentações. É um reputado analista geopolítico e de geoestratégia, com um sólido currículo como estudioso e investigador na área das questões internacionais e da diplomacia, um observador atento da realidade, que escarpeliza com independência, espírito crítico e rigor.

Esta recolha de artigos de opinião que agora nos oferece é muito interessante e oportuna, a pelo menos três títulos. Primeiro, porque nos apresenta um conspecto dos acontecimentos — revoltas, revoluções e contra-revoluções, repressões, atrocidades, mudanças de estratégia, posicionamentos e reposicionamentos de parceiros e facções, aliados de conveniência, inimigos de fortuna ou jurados — que têm agitado e sacudido o chamado «Grande Médio Oriente», que se estende de Casablanca a Cabul, abrangendo uma faixa de países praticamente à porta da Europa e de Portugal e que, pelo menos por esta alarmante vizinhança, deveriam ser mais bem conhecidos das nossas opiniões públicas e ser alvo de maior atenção política quer nacional quer europeia.

Aliás, os recentes ataques de Paris ilustram da pior maneira esta proximidade, pondo a nu algumas características importantes do *jihadismo* contemporâneo de que o autor, aliás, ressalta duas: «a concorrência grande entre a Al-Qaeda e o ISIS para lançar o terror contra os ‘infiéis’», e o percurso de radicalização, de grande dinamismo e versatilidade que «tanto ocorre nas redes sociais, no centro das capitais europeias, ou num arco de treino entre o Paquistão e Melilla» (p. 258).

A este respeito, é interessante sublinhar também que um dos prismas temáticos a partir do qual esta recolha pode ser lida é precisamente o do *jihadismo*, que é alvo de inúmeros textos, devendo, aliás, fazer-se jus à perspicácia do autor, que já em Outubro de

2011 chamava a atenção para a necessidade de, mesmo com a Al-Qaeda decapitada, «não baixarmos a guarda» (p. 81). Também num texto de Dezembro desse ano observava com toda a pertinência: «podemos estar já a assistir a um fluxo de elementos entre a Síria e o Iraque, obedecendo ao *modus operandi* da Al-Qaeda e sem qualquer vontade de entrar nas fileiras políticas sunitas de ambos os lados. Fogem ao controlo dos líderes e das forças políticas, fazendo aquilo que melhor sabem: infiltram-se no caos, espalham o pânico, fomentam o sectarismo, ajudam à proliferação de Estados falhados» (p. 94).

Em Janeiro de 2014, na crónica intitulada «O sequestro do Levante» (pp. 206-7), volta a este tema e chama a atenção para a regeneração da rede da Al-Qaeda, agora fragmentada «em pequenos e médios grupos com maior autonomia face ao topo, embora beneficiando do contacto e, sobretudo, da marca» (p. 206), e tendo abraçado «o xadrez da radicalização xiita-sunita, quebrando a lógica puramente antiocidental e antiamericana que a orientava desde os idos de 1990» (p. 206).

Vale ainda a pena recordar o aviso lançado em Agosto de 2013 no artigo intitulado «Europeus na *jihad*»:

A Guerra Síria é, em apenas dois anos, palco do maior contingente estrangeiro de *jihadistas*. Está para esta década como o Afeganistão esteve para os anos 80, a Bósnia para os anos 90 e o Iraque para o princípio deste século. Estudos recentes dão conta de mais de seis mil estrangeiros a combater Assad, uns juntando-se à Al-Qaeda e seus filiados, outros integrando as operações de resistência sunita. Líbios, tunisinos e sauditas estão no topo deste pelotão, mas há cada vez mais indicadores a alertar para a crescente presença de europeus na Síria. São perto de dez por cento desse contingente estrangeiro e vêm sobretudo do Reino Unido, da Holanda, da Bélgica, da Dinamarca, da França

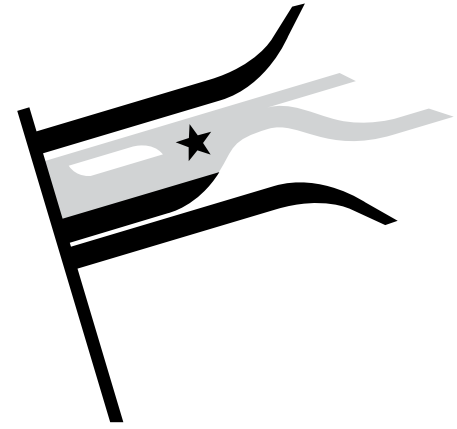
e da Alemanha. (...) Ou seja, os europeus radicalizados e motivados a integrar a *jihad* preferem o Médio Oriente a outras regiões, como o Mali, por exemplo. Proximidade geográfica, contacto com as grandes plataformas de terrorismo actuais e, provavelmente, um sentimento de desespero perante a inacção ocidental estarão na origem dessa opção. É importante lembrar que o carácter internacionalista da *jihad* não é um fenómeno novo (...), mas a Síria tornou-se em pouco tempo um cenário atractivo e imprevisível. A experiência que adquirem é potencialmente mais radicalizadora do que a mera pertença a uma célula nacional, sobretudo se a aplicarem no regresso a «casa». Por isso [aconselhava justamente o autor] é preciso, no plano europeu, melhorar a coordenação das informações, monitorizar o seu rasto (sobretudo o *online*) e reforçar a coordenação com os países da região, como a Turquia, a Jordânia, o Iraque, o Líbano e o Egipto. Argumentos não faltam. (pp. 169-70)

Faltou certamente visão e vontade política para actuar a tempo...

Em segundo lugar, quero salientar que as análises apresentadas em *A Síria em Pedacos* mostram, se dúvidas houvesse, como nesta região do mundo, como em nenhuma outra, se imbricam interesses locais, regionais e globais. Tudo o que se passa num sítio repercute-se noutra; tudo o que acontece no Norte de África e no Médio Oriente gera ondas de choque que vão de Washington a Moscovo; mudanças na Tunísia, no Egipto, na Líbia, no Iémen suscitam reacções na Turquia, na Arábia Saudita e no Irão; e nada do que se passa no Iraque ou na Síria deixa imunes os seus países vizinhos, situação porventura resultante do Médio Oriente desenhado após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, mas também da sua importância geoenergética para o mundo. O mesmo acontece ao nível das organizações internacionais, como as Nações Unidas, ou a União Europeia, a Liga Árabe ou a NATO, para só referir algumas.



# A SÍRIA EM PEDAÇOS



*Abertura*  
FOTOGRAMAS DE GUERRA

Assistimos em directo ao início da guerra civil na Síria, mas ninguém sabe como ela vai acabar. Pior: ainda ninguém consegue afirmar se algum dia esta guerra terá fim. As Nações Unidas definem-na como «a maior tragédia do século XXI». António Guterres, alto-comissário para os Refugiados, considera-a «a maior crise humanitária desde o Ruanda». Oito milhões de deslocados, quatro milhões de refugiados, mais de 220 mil mortos, muitos deles civis e crianças. Houve cidades, como Homs, cercadas mais de dois anos por militares do regime e grupos terroristas, impedindo que chegassem alimentos a milhares de pessoas que diariamente caíam desamparadas no chão.

Regressaram a poliomielite e a tuberculose, espalharam-se a difteria, a hepatite e a leishmaniose. Mais de cem mil crianças estão hoje reféns destas epidemias. Sessenta por cento da população tem menos de 20 anos de idade, mas é provável que grande parte dela esteja agora perdida nos escombros do conflito. A Guerra Síria ceifou abruptamente o futuro a duas gerações, separou famílias para sempre e desenhou no horizonte uma linha de regresso ao passado.

O PIB definhou em média 15 por cento em cada um destes quatro anos de guerra, e mais de um terço do território está minado por terroristas de todo o mundo, transformando a Síria

na maior plataforma *jihadista* da actualidade, à frente da Somália e do Afeganistão. Perto de cinco mil terroristas desse contingente estrangeiro são europeus.

A Síria não é a Líbia, onde Khadafi pôde ser caçado por uma coligação internacional sem que os interesses de cada um colidissem. A Síria não é a Tunísia, onde, apesar das divergências, há uma homogeneidade étnica capaz de moldar compromissos. A Síria não é o Egipto, onde os militares são a coluna vertebral do Estado e não permitem devaneios islamitas radicais. Na Síria, reina Assad e é com e contra ele que a guerra se trava. Quatro anos depois, o oftalmologista formado em Londres e tornado ditador continua no poder, mesmo que já não controle uma parte significativa do território. Que Síria sobrar de dele é a pergunta para um milhão de dólares.

No tabuleiro sírio, cruzam-se todas as grandes peças do xadrez internacional: da Rússia aos EUA, do Irão a Israel, de França à Arábia Saudita, da China ao Qatar, do Reino Unido ao Líbano, da Turquia ao Egipto. E, enquanto a guerra evolui, cada uma delas define o seu raio de acção, as suas linhas vermelhas e os mínimos de entendimento num autêntico circo de feras. Quatro anos depois, pouco ou nada conseguiram. Quatro anos depois, é uma ilusão falar de «comunidade internacional». A Síria está por isso fatiada, ceifada, dilacerada, queimada, esquarterada, entre uma faixa sob o domínio de Assad e um território vastíssimo disputado por combatentes anti-regime apoiados pelo exterior, tropas leais ao presidente e grupos terroristas cada vez mais bem treinados e armados.

Desde que Mohamed Bouazizi, o vendedor de frutas tunisino, se imolou em Tunes, em Dezembro de 2010, em protesto contra a deterioração das condições de vida e o abuso policial, até às revoluções árabes que acabaram sequestradas pelo fundamenta-

lismo islâmico, o mundo passou da euforia ao pânico num abrir e fechar de olhos. O optimismo deu lugar ao pessimismo, a pulsão democrática a fórmulas despóticas, a pretensão secularista ao sectarismo islâmico, os moderados aos radicais, os liberais aos terroristas, e a crença na liberdade ao martírio dos cobardes.

*Água Prateada*, o extraordinário e perturbador documentário realizado por Ossama Mohammed e Wiam Simav Bedirxan, acumula precisamente essa paleta de transformações dadas pela evolução do conflito. Feito com imagens captadas por anónimos com os seus telemóveis, despe a guerra até o mais baixo nível de crueldade, destruição e solidão. No fundo, esses vídeos são pequenas crónicas despidas de edição, com a cola a entrar depois de um fino diálogo entre os realizadores — Mohammed em Paris, Bedirxan em Homs —, os quais completam uma reflexão sobre essa mesma distância: entre quem fala do seu país estando no exílio e quem vive cercado por imagens dramáticas. No cruzamento destas perspectivas, uma criança percorre os escombros à procura de flores.

Este livro acaba por ser também um cruzamento entre perspectivas. A de quem está à distância, mas conhece alguns dos países em análise. A de quem oscila na interpretação dos factos à medida que o entusiasmo foi dando lugar ao pessimismo. A de quem faz da crónica o seu vídeo de telemóvel, necessariamente um retrato disparado num determinado momento. A de quem procura um olhar analítico e frio, mas não deixa de se envolver. Por isso mesmo não alterei uma só opinião publicada: quis espelhar essa dificuldade em acompanhar quase diariamente transformações tão inesperadas como imprevisíveis, quis registar que uma crónica é o fotograma de um instante, quis que fossem totalmente transparentes as minhas interpretações, conjecturas e até

alguma futurologia. Terei acertado em algumas ocasiões, falhei certamente em muitas outras. Não quis, no entanto, esconder essas opções, correndo o risco de, como aconteceu com a esmagadora maioria dos analistas que acompanhou a defunta «Primavera Árabe», ser abalroado permanentemente pela força dos acontecimentos no Norte de África e no Médio Oriente.

O desafio deste livro era montar um *puzzle* lógico, mas não necessariamente coerente — afinal de contas, estes quatro anos foram tudo e o seu contrário —, as dezenas de crónicas publicadas no *Diário de Notícias* durante os últimos quatro anos, numa sequência de diapositivos sobre tudo o que envolveu a guerra na Síria. Organizado segundo uma sequência cronológica pouco rígida, os três capítulos que o compõem reflectem, respectivamente, o que se passou na vizinhança alargada entre Janeiro de 2011 e Maio de 2012, o que foi emergindo na Síria entre Junho de 2012 e Agosto de 2013, e o que se seguiu ao ataque com armas químicas e determinou a dinâmica interna e o comportamento da «comunidade internacional» interessada, entre Setembro de 2013 e Janeiro de 2015.

Poucos momentos na história recente sofreram tantas alterações como estes últimos quatro anos no Norte de África e no Médio Oriente, foram tão baralhados, polarizados, apaixonados, levados ao extremo, regressados ao passado, levados para a frente, remexidos, repisados, movidos a ódio, a esperança e a desespero. Qualquer analista ficará grato por poder acompanhar, profissionalmente, tempos como este. Nenhum analista pode ficar satisfeito pelo facto de as coisas terem chegado a este caos. Análise e opinião estão, por isso, sempre ligadas.

Este livro passa os últimos quatro anos em análise, tendo o centro de gravidade na Síria. Acompanha as revoluções na Tunísia,

no Egipto e na Líbia, a ascensão e o equilíbrio entre as potências sunitas e xiitas, como a Turquia, a Arábia Saudita e o Irão, os posicionamentos de outras grandes potências externas como os EUA, a Rússia, a China, o Reino Unido, a França ou a Alemanha, o papel das organizações internacionais, como a ONU, a NATO, a União Europeia, a Liga Árabe e a União Africana, o roteiro de actores não-estatais como o Hezbollah, o Hamas, o ISIS ou a Al-Qaeda, o novo foco de *jihadismo* na Europa, que Madrid e Londres já nos tinham mostrado, mas que o ataque ao *Charlie Hebdo* veio aproximar do quadro sírio. Nada disto é estanque ou longínquo, e quanto melhor percebermos o que nos rodeia, melhores soluções encontraremos para lidar com os nossos problemas.

O que proponho então ao leitor é que percorra estes fotogramas, para assim visionar as transformações na Síria. O que a rodeou, o que a minou e o que a matou, o que lhe sobreviveu e o que lhe escapou. Uma Síria em pedaços.

I

# CIRCO DE FERAS

*Janeiro de 2011 — Maio de 2012*

## NÓS E OS OUTROS

Há anos que me juram a pés juntos que os portugueses não se interessam pela política internacional. Nunca acreditei neste argumento, mas também nunca tive dados sólidos para o refutar. A minha percepção foi sempre baseada em opiniões de proximidade e numa absoluta rejeição da nossa periferia mental. Depois de novos mundos descobertos, de um império mantido sabemos bem a que custo, de comunidades espalhadas em todos os continentes, de longa e vasta presença diplomática e económica, e com uma língua falada por milhões, como é que podíamos estar divorciados dos assuntos internacionais?

Já a crise económica ia no adro, dei ainda conta de opções editoriais nos nossos *media* no sentido de abater a sangue-frio o «internacional» na carreira de cortes, coisa que me pareceu totalmente paradoxal, dado que nunca como hoje o «interno» e o «lá fora» se fundiram tanto. Tudo é tão avassaladoramente crucial nas nossas vidas que só percebendo melhor esse «lá fora» podemos melhorar as nossas opções «cá dentro» e relativizar alguns dos nossos dramas.

*Os Portugueses e o Mundo*, de Raquel Vaz-Pinto (Fundação Francisco Manuel dos Santos, Novembro de 2014), é o livro que faltava para rejeitar a tese que me andavam a vender. Sustentado

nos estudos de opinião disponíveis desde os anos 80, chegamos à conclusão de que os portugueses não só têm interesse na política internacional, como têm opiniões, e aliás muito sensatas, desde o ambiente até à promoção da democracia, do papel da ONU à cooperação euro-atlântica, sobre o valor da estabilidade no Norte de África e Médio Oriente em detrimento de primaveras perturbadoras, sobre o poder económico da China, rejeitando a sua liderança, o desencanto com a UE, a negação da guerra, mas aceitando «operações de paz», até à importância do Atlântico Sul para a nossa afirmação a norte. Só somos periféricos mesmo nas cabeças de alguns.

#### PARA LÁ DE ALEXANDRIA

Vale a pena abandonarmos o nosso habitual sectarismo ocidental e olhar o que se passou em Alexandria para lá da espuma mediática. Por cada ataque a comunidades cristãs na região, há uma meia dúzia de ataques contra grupos muçulmanos, sobretudo xiitas, concentrados essencialmente no Iraque. Não me peçam para ser hipócrita: a vida de um cristão vale exactamente o mesmo que a de um muçulmano. Por isso é preciso olhar para lá de Alexandria.

No Iraque, a Al-Qaeda local procurou massacrar xiitas e cristãos ao longo do último ano, aproveitando o eferescente caldo político — lenta formação de governo, retirada progressiva das tropas americanas, disputa pelas regiões energeticamente abastadas. No Egipto, o sinal foi mais claro: as comunidades cristãs (a egípcia é a maior do mundo árabe) não têm lugar no Médio Oriente aos olhos dos radicais, que punem as conversões e a construção de locais de culto. Mais: segundo um levantamento

recente por parte da Iniciativa Egípcia pelos Direitos Individuais, os coptas foram alvo de 52 ataques desde 2008, sem que qualquer investigação séria tenha sido conduzida. É também a resposta política que é posta em causa. Minando a sua autoridade e atacando comunidades religiosas umas contra as outras, o terrorismo fundamentalista dá um passo gigante na criação do que deseja: a desagregação do Estado, um clima de guerra civil e o controlo territorial para a edificação de um Estado islâmico. Não é por acaso que a Al-Qaeda no Iraque é o suporte operacional do grupo que mais mortes tem causado: o Estado Islâmico no Iraque.

Há, é certo, uma tendência de perseguição crescente a minorias cristãs em países árabes. Mas esse quadro não esconde uma realidade mais complexa, reveladora da rivalidade profunda entre xiitas e sunitas pelo controlo do poder. No Iraque, depois da retirada americana, teme-se o pior.

#### A GERAÇÃO SOLITÁRIA DO MAGREBE

Quando a esmola é grande, o pobre desconfia. O presidente Ben Ali começou por prometer 300 mil novos empregos, jurou que não se recandidataria, comprometeu-se com a realização de reformas, o fim da censura, a demissão do Governo e a marcação de eleições antecipadas. As manifestações e a repressão aumentaram, e os apelos externos à calma foram inconsequentes. Sem força e manchado pelo nepotismo e pela corrupção familiares, Ben Ali acabou a semana já longe do país.

Bastou juntar a subida de preços dos bens essenciais ao elevadíssimo desemprego jovem para destapar o drama encoberto. A angústia do primeiro emprego que tarda, o esforço universitário

sem retorno, a informação — mesmo com vigilância apertada — que espalha nas redes sociais as patifarias ou o enriquecimento da elite do regime, a impotência da oposição e a ausência de opções radicalizaram as ruas de Tunes. Houve imolações, suicídios e dezenas de disparos indiscriminados feitos pela polícia. Quando se chega a este ponto é porque não há mais alternativas. Melhor: só existirão num quadro de democratização extensível a todos. Este é o desafio da Tunísia, da Argélia, de Marrocos ou do Egipto. E é aqui que regresso à Europa. A timidez do discurso da UE sobre a liberdade e a democracia espelha a sua política mediterrânica e a fragilidade da sua narrativa externa. Por um lado, contenta-se com regimes autoritários na esperança de que travem o extremismo islâmico e a imigração ilegal, esquecendo-se de que só a democracia e a liberdade económica melhoram a repartição da riqueza, moderam o radicalismo e fixam as populações. Por outro, revela não perceber que os princípios que a fundaram e nortearam são hoje anseios de uma vasta juventude árabe revoltada com os modelos políticos onde vive. Se a UE não lhes dá apoio público é porque não consegue ver o mundo para lá de 2011.

#### EXCITANTE CAIRO

O processo revolucionário em curso no Egipto mostrou a impossibilidade de o Ocidente manter o termómetro de dois mundos à mesma temperatura. Num, impera um poder central forte, sustentado nas Forças Armadas, hostil a movimentos islamitas radicais e pilar de alianças com países ocidentais, sobretudo com os EUA; no outro, reina uma predisposição de abertura ténue, bons índices de educação, a projecção de uma imagem de estabilidade

e segurança que tanto cala as aspirações individuais como chega para contentar os países vizinhos.

A opção mais óbvia passaria simplesmente por apoiar um dos lados: ou o poder mumificado — que no Egipto garante a estabilidade das relações das nações árabes com Israel, o abastecimento petrolífero à Europa pelo Suez e a certeza do apoio logístico às operações americanas no Iraque —, ou toda uma maciça geração que Tunes e o Cairo revelaram ao mundo. Em tese, as democracias defendem movimentos democráticos. Na prática, o que está em causa é, infelizmente, muito mais complexo.

Perder Mubarak para um Governo de salvação nacional sem islamitas radicais e com o apoio de quadros médios das Forças Armadas (as altas patentes estão com o regime) e da polícia é a hipótese que mais interessaria: uma transição negociada, sem cair na guerra civil e com uma liderança forte (duvido que ElBaradei caiba na descrição). Era exemplo regional. Perder Mubarak para um cenário de guerra civil, com o controlo da Irmandade Muçulmana, da Al-Qaeda ou do Hamas, seria uma tragédia para a região. A paz com Israel morria logo e as relações com os EUA e a Europa partiam-se. O quadro tem, por isso, grande dose de cinismo político: vontade de ajudar a derrubar um ditador amigo; medo que a sua queda seja o princípio do caos. O momento é histórico na região. Resta esperar que as decisões transatlânticas estejam à sua altura.

#### O MOMENTO EGÍPCIO

A violência chegou às ruas do Cairo e atizará a ira dos movimentos anti-Mubarak. Simultaneamente, o exército reforça o seu



## A VITÓRIA DA TURQUIA

papel neste processo de transição em curso e o calendário eleitoral até Setembro de 2011 parecerá a todos os revoltosos um longo calvário. Até à hipótese de eleições antecipadas, serão Omar Suleiman e ElBaradei os interlocutores políticos mais importantes entre o regime e a oposição. É importante que não exista um vazio de poder onde os populistas aterrem e os mais radicais ganhem chama. Se os dois conseguirem manter um processo negocial politicamente amplo, a transição pode trilhar um caminho positivo. Caso contrário, tanto as justíssimas reivindicações dos egípcios como uma nova arquitectura regional, que beneficie todo o Mediterrâneo, podem sair profundamente frustradas.

Devia ser precisamente este o horizonte de reflexão dos europeus, norte-americanos, israelitas e movimentos árabes democráticos capazes de protagonizarem um rumo diferente a países como o Egipto pós-Mubarak: influenciar positivamente toda uma região, valorizando um quadro de estabilidade entre nações, o desenvolvimento económico, as liberdades e a participação política plena. Vale a pena insistir: esta não é uma revolução antiamericana, mas não deixa de ser uma revolução contra um regime apoiado pelos americanos. Daí demasiada intromissão externa ser contraproducente. Por isso, importa dar aos egípcios margem para se organizarem e fazerem as suas escolhas sem exclusões no processo político. Em troca, será legítimo pedir à Irmandade Muçulmana que congele a intenção de rasgar o acordo de paz com Israel e influenciar decisivamente Telavive e a Autoridade Palestiniana a acelerar — e não a travar — o processo de paz. Há momentos que podem não se repetir tão cedo.

Uma sondagem feita em Setembro de 2010 pelo TESEV em oito países do Médio Oriente (Egipto incluído) para aferir as percepções sobre a Turquia revelou que entre 75 a 85 por cento dos inquiridos eram muito favoráveis a que este país assumisse a mediação do conflito israelo-árabe e uma maior intervenção nos assuntos regionais. Semelhante percentagem apontou para o consumo frequente de produtos e de séries televisivas turcas. É clara a noção de que a ascensão económica de Ancara é imparável na próxima década. O único valor que desce face a 2009 aponta para a importância da adesão à UE. Depois da solidariedade demonstrada pelo primeiro-ministro Erdoğan às manifestações do Cairo, tenho dúvidas de que a simpatia árabe e persa pela Turquia — os iranianos sondados são os que mais admiram o modelo turco — não fosse hoje muito superior.

De facto, Ancara optou por reduzir a exclusividade de um eixo europeu por uma radial de interesses regionais (Médio Oriente, Mediterrâneo, Ásia Central, diáspora), projectando assim a sua acção e visibilidade. Quando aproveitou a ira contra Israel no caso da flotilha — operação militar israelita contra navios de ajuda humanitária na costa de Gaza em Maio de 2010 —, fê-lo sem copiar a narrativa iraniana, o que lhe concedeu um novo espaço na rua árabe. Por fim, tem conjugado a liberdade política com um alto crescimento económico numa sociedade muçulmana. O facto de a percentagem mais favorável ao modelo turco vir do Irão (xiita e concorrente directo na liderança regional) pode indicar que a religião não é, para a jovem geração maioritária nos países sondados, o factor determinante quando avaliam o tipo de sociedade que querem adoptar. A ira está toda concentrada na melhoria dos salários, dos empregos e das liberdades políticas. O Ocidente



# A SÍRIA EM PEDAÇOS

foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso sobre papel Coral Book de 80 gramas,  
pela Guide, Artes Gráficas, no mês  
de Fevereiro de 2015